

A IMPRENSA OPERÁRIA ANARQUISTA Vanice Maria Oliveira Sargentini¹

*Mas por que não se revolta esse povo contra tanta infâmia,
contra tanta falta de respeito pelos seus direitos,
contra tanta injustiça acumulada?*

Conto anarquista

“Trabalhadores de todos os países, revoltai-vos.” Essa era a frase de ordem dos anarquistas que defendiam uma federação livre, sem opressão da liberdade humana. Para o líder anarquista, os trabalhadores atingiriam a emancipação lutando pela abolição radical e imediata do Estado e de qualquer autoridade política de classe. O ideal de luta dos anarquistas se propagava pela via educativa com o objetivo de incitar o cidadão a atingir a consciência de direito à liberdade. Para esses ensinamentos, os libertários escreviam livros, publicavam jornais, folhetos, revistas, organizavam comícios, festas. O anarquismo chegou ao Brasil pelas mãos (e pela voz) dos imigrantes europeus, principalmente italianos e espanhóis, que aqui vieram trabalhar. Eles trouxeram a mão de obra, mas também os ideais revolucionários que proporcionaram os primeiros movimentos operários e a organização de associações e sindicatos operários.

No Brasil, são diversas as produções textuais que se dedicaram a retratar a vida e a luta dos operários do início do século XX. Observam-se textos de gêneros diversos, nos quais se reconhecem vozes provenientes de diferentes publicações, dentre elas contos de caráter panfletário e romances

1. Professora da Universidade Federal de São Carlos. Doutora em Letras pela UNESP, com tese sobre os contos na imprensa operária anarquista, intitulada “Discurso e História: as vozes anarquistas na construção do trabalhismo brasileiro”.

(por exemplo, o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, inicialmente publicado em folhetins entre agosto e outubro de 1911, na edição da tarde do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, ou ainda *Parque Industrial*, de Mara Lobo, pseudônimo de Patrícia Galvão – Pagu, romance proletário que apareceu em 1933 numa edição limitada e quase clandestina).

A imprensa operária anarquista pretendia-se apartidária e apolítica, era nascida das ligas e associações de trabalhadores que organizavam inúmeros jornais, que por dificuldade financeira tinham curta duração. Os jornais publicados pela imprensa operária anarquista eram, em geral, produzidos por operários que escreviam para operários, circulavam de forma rápida, de mãos em mãos, muitas vezes distribuídos na porta de fábrica.

Há nos contos anarquistas o uso recorrente da forma fabular, indicando que a construção do texto privilegia a tipologia de conhecimento popular que em si abriga um ensinamento. É preciso considerar que, para o escritor libertário, o valor da obra estava na capacidade de expor a experiência coletiva e não na elaboração estética. Para os anarquistas, o impulso criador vale mais que a obra, sendo mais expressiva aquela de autor desconhecido, pois a esta se atribui a autoria do chamado espírito popular ou alma coletiva. Por isso, muitos contos são apresentados como de autor anônimo; assim, a voz do enunciador do texto anarquista quer fazer parecer que há uma aproximação entre enunciador e enunciatário do discurso; colocados em perfeita simetria, cria-se entre eles uma relação de cumplicidade que elide, ou parece elidir, a figura do autor.

Na maioria dos textos panfletários, que tematizam a causa da luta operária do início do século, observa-se que o enunciador recorre ao uso de implícitos para falar por antífrases, para ironizar ou até mesmo escapar da censura ou pressão da classe que considera dominante. A publicação de um conto anarquista nomeado “Um conto que parece uma verdade”, que emprega a ironia e apresenta denúncias, é um bom exemplo da delegação de voz como um mecanismo de argumentação que se cria entre enunciador e enunciatário. Para desenvolver uma breve análise, apresento esse conto, ainda que com algumas elisões.

Um conto que parece uma verdade

Um amigo (algum pândego, pela certa) nos envia este conto que diz ter aprendido do avô quando era pequeno, mas que se se colocam nos lugares dos

cinco homens da fábula, uns tipos da sociedade atual que todos conhecemos, o tal conto fica uma verdade indiscutível.

Aqui está.

Um homem achou uma vez, um tronco de árvore que a tormenta tinha lançado através da rua.

O levou para casa e com ele fez um banquinho para sentar-se.

Tinha apenas acabado de reduzir o tronco em um conveniente assento, quando apareceu na choupana um homem bem trajado, de luvas nas mãos que diz-lhe:

– Levante-se daí porque esse banco é meu.

O outro protestou (...)

O homem das luvas enfureceu e disse ao outro que era um ladrão (...) puxou da algibeira uma grande papelada onde estavam escritas tantas histórias para concluir que o tal homem das luvas era o dono do banquinho. (...)

Então entraram na cabana mais dois homens que tinham estado escondidos atrás da porta e um deles começou a subornar na orelha do homem, dizendo que era melhor entregar o banquinho, que deveria sentar-se no chão porque, um dia seria remunerado destes padecimentos (...)um outro senhor muito mais rico, muito mais poderoso, um dia o levaria junto de si, conquanto agora se resignasse a sofrer:

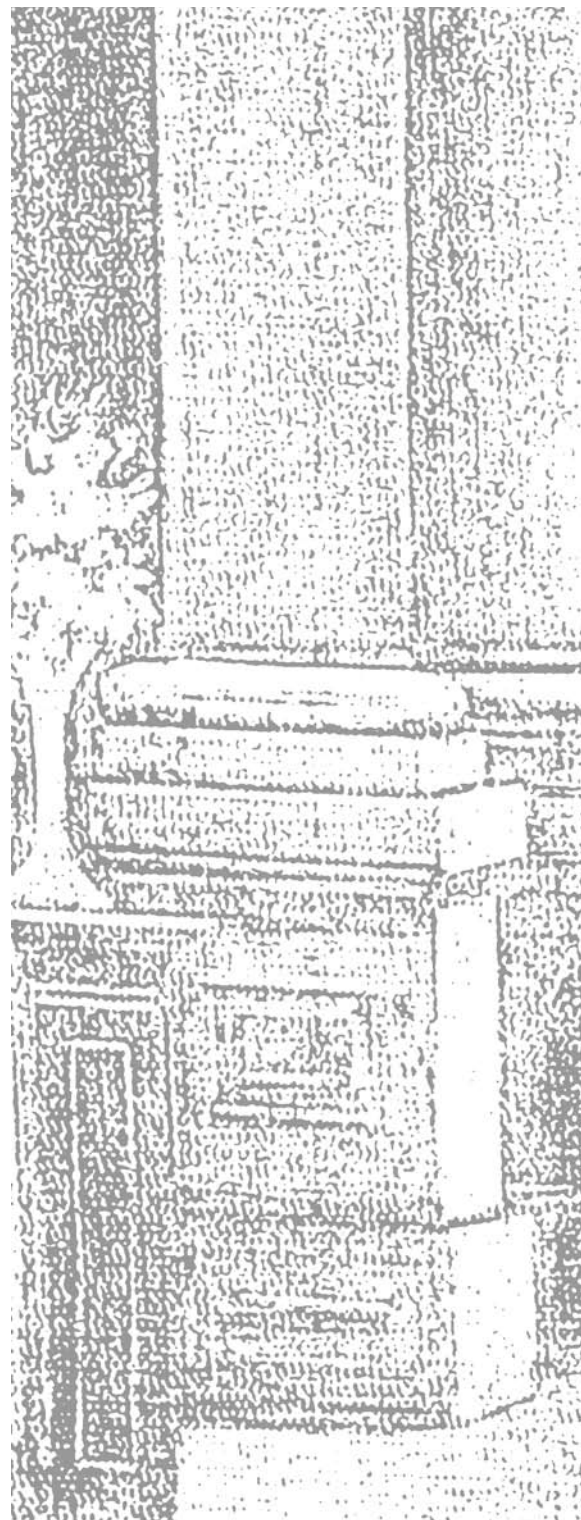
O outro homem, o que tinha entrado por último, puxou logo de uma garrucha e gritou:

– Se tu não entregas imediatamente o banco, eu te mato!

(...) O pobre homem (...) deixou que os três levassem (o banco) e estes três saíram rindo e decidiram servir-se do banco em sociedade. Porém, um outro homem que tinha presenciado a cena (...) entrou na cabana e procurou explicar-lhe como tinha sido vítima de um furto e que o banquinho lhe pertencia pela razão que ele o tinha construído.

Mas o outro não quis saber de nada (...). o pôs fora da porta a pontapés, dizendo:

–Vai-te embora, tu és meu inimigo.



O outro não ficou enraivecido, não reagiu, sentou-se lá fora e disse:

– Coitado, ele não tem culpa!

Eis aí o conto. Não vos parece que o nosso amigo tinha razão?



“O pulso forte dos trabalhadores fará recuar seus inimigos” (A Plebe, 26 de março de 1927)

Esse conto, de autor desconhecido, publicado no jornal *O Carpinteiro* (SP), ano I, em 1º de junho de 1905, possui marcas características dos contos anarquistas publicados em jornais da imprensa operária. Nos contos anarquistas, a noção de “autor” é intencionalmente dispersa, pois o autor não expressa a individualidade, mas a voz coletiva que ele representa. A via educativa é aquela de quem conta uma fábula, para que outro chegue a suas conclusões. Evita-se o ordenamento, mas há estratégias para a adesão ao ideal libertário. A estruturação do conto é feita a partir de uma

aproximação do enunciatário ao enunciador que por sua vez se dirige ao seu ouvinte para contar-lhe uma história legitimada pelos saberes antigos. Ao contar a história, enunciador e enunciatário, ambos, cúmplices, observam os personagens que servirão de exemplo para o ensinamento. Ao final do conto, o enunciador novamente se dirige ao enunciatário e faz-lhe uma pergunta, já considerando sua adesão ao pensamento que defende. O enunciador leva o enunciatário a chegar às mesmas conclusões que ele.

Dentre as estratégias de construção desse conto, em especial, desejo focalizar os verbos de dizer ou as formas de introdução do discurso dos cinco personagens do conto. Observe-se que, dentre os homens, há aquele que é o trabalhador que se dedica a reduzir um tronco de árvore a um banquinho. Em diálogo com o senhor de luvas, aquele possuidor da papelada, o trabalhador “diz protestando”, enquanto o homem de luvas “diz-lhe enfurecido”. Um dos outros dois homens que entram na cabana “diz subornando” na orelha do trabalhador, prometendo-lhe o merecimento futuro, e o outro em um gesto intimidador “diz gritando”. Era contra esses três poderes que os trabalhadores anarquistas deveriam revoltar-se: o poder da propriedade, representado pelos chamados burgueses que eram os proprietários, em geral instalados na classe mais rica da sociedade; o poder religioso, figurativizado nos representantes da Igreja; e o poder repressor. Entretanto, como a imprensa operária anarquista tinha como característica central conscientizar o trabalhador com o objetivo de conduzi-lo a uma insurreição popular, era preciso produzir o ensinamento como uma forma de conscientização. Para isso, o último dos “cinco tipos da

sociedade” é aquele que entra na cabana e “diz explicando” por ter a consciência da exploração. No papel de trabalhador consciente, o anarquista compreende que o trabalhador comum ainda ceda à pressão exercida pelos poderosos da sociedade, entretanto, seu enunciário, que se desdobra no papel de com quem ele fala e também no papel de leitor do conto, deve ser suscetível ao ensinamento daquele que, estando em um mesmo nível, dirige-lhe a voz.

Neste conto, enfim, o enunciador, ao selecionar tais verbos para introduzir a fala dos locutores, impõe ao enunciário a visão de mundo que possui. Ele constrói a forma de agir desses cinco tipos da sociedade, pela forma como introduz as vozes dos personagens. Nós, leitores, os conhecemos pelo filtro do olhar do enunciador, que julga negativamente os poderes constituídos na sociedade, contra os quais os anarquistas lutavam: a burguesia, a igreja e a polícia.

Nas primeiras décadas do século XX no Brasil, a construção do percurso de reivindicação e conquista de alguns direitos trabalhistas contou fortemente com a presença significativa da imprensa operária, que atuou produzindo jornais, textos panfletários, escritos pelos proletários, que desnudavam e denunciavam a exploração dos trabalhadores e o privilégio da burguesia.

As greves operárias organizadas pelos adeptos do anarquismo obtiveram êxito em 1917 e 1919, porém, não foram muito felizes em 1920 e 1921. Tal fato contribuiu para que os operários questionassem o ideal antipolítico do anarquismo e voltassem os olhos para o sindicalismo partidário, que se desenvolvia com base nos princípios do Partido Comunista. A partir desse momento, observa-se que o discurso

da imprensa operária, não sem embates ideológicos, sofre modificações. Alguns jornais que nasceram no interior do movimento anarquista, como, por exemplo, *A Plebe*, passam por uma nova fase. Nele é possível encontrar alguns contos que marcam a passagem das reivindicações anarquistas à organização comunista. O conto “Os Parasitas”, escrito por Vasco e publicado em *A Plebe*, nova fase, ano III, 13 de abril de 1935, é um desses. O conhecimento da reflexão marxista sobre o direito de propriedade já aparece, no primeiro parágrafo do conto, na descrição da família. A imagem do trabalhador já não é mais retratada apenas pelo traço do explorado, mas também pela virtude de este ser o único a ter o saber de executar e dividir justamente as tarefas. Vejamos alguns fragmentos do conto:

Numa ilha fértil, solitária no meio de um grande mar, vivia uma família ociosa, bem nutrida e agasalhada, que se dizia dona e senhora de toda a ilha, proprietária das terras, casas, choupanas, arados, gados, tudo.

Para manter essa família na mandriice e na fartura, esfalfavam-se, desde manhã até a noite, meia dúzia de trabalhadores ossudos, sujos, tostados do sol (...). Só eles conheciam o seu trabalho, sabiam as épocas das sementeiras, os modos de cultivar as terras, o manejo do arado e de todos os instrumentos de trabalho e eram eles que entre si combinavam e distribuía as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais leves e curtas.

(...)

Ora, um belo dia – belo no começo e feio no fim – o proprietário foi com a família toda dar um grande passeio pelo mar em sua linda e veloz chalupa. E (...) sobreveio um grande temporal, que afundou a

embarcação e afogou todos os que nela iam.

(...) A princípio ficaram cheios de aflição (...) no dia que fez um ano que a tempestade os livrara dos patrões o mais velho disse –Que grandes cavalgadas nós éramos! (...)

Vós fareis como os trabalhadores da ilha, mas não podeis, como eles, contar com uma tempestade providencial. A tempestade libertadora tereis de a preparar e fazer vós mesmos. (...)

Esses novos olhares para a conquista da emancipação propiciam que um novo momento da organização das formas de trabalho se inicie. A força do trabalhador está ainda na conscientização, mas também na organização e união, perspectiva que se aproxima do ideal comunista que defende a organização dos proletários para a tomada de poder. Se nesse conto fabular a figura da tempestade traz uma liberdade inesperada, a voz do enunciador convoca o enunciatário, possuidor de um novo saber, a fazer uma tempestade libertadora.

Nos anos 80, alguns contos publicados nesses jornais foram compilados em uma *Antologia da prosa libertária no Brasil*.² Fatores como meio de circulação e a reação que o texto provoca no enunciatário são determinantes para a migração de um gênero para outro, como vimos ocorrer com os contos panfletários anarquistas que foram produzidos para circulação na imprensa proletária e hoje provocam encantamento aos leitores universitários que os lêem como contos literários. Para conhecer com mais detalhes os documentos da imprensa operária, recomenda-se uma visita cuidadosa ao Arquivo Edgard Leuenroth: trata-se de um centro de pesquisa e documentação social, sediado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Será, indubitavelmente, um bom momento para compreender como a imprensa operária situa-se na história como um forte instrumento de emancipação.

2. PRADO & HARDMAN (orgs.) Contos anarquistas. *Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.